

ESCOLA E TELEVISÃO: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DAS NARRATIVAS NO PROCESSO FORMATIVO

FRANCIELE ALVES DA SILVA (UEM).

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a relação entre a produção cultural e a constituição do sujeito na contemporaneidade, a partir das influências das narrativas, tratadas aqui como instrumentos de formação social. Nossas análises buscam explicitar a necessidade de se pensar sobre as narrativas contemporâneas, estritamente marcadas pela tecnologia e pelo consumo, que vem provocando profundas alterações nas diversas instâncias sociais e nas interações cotidianas. Serão utilizadas como ponto de partida, as contribuições desenvolvidas em uma pesquisa etnográfica realizada com o intuito de se verificar o impacto das representações televisivas no universo estudantil do ensino médio. A investigação e reflexão sobre os discursos existentes (narrativas) se mostram importantes para demonstrar como tais discursividades interferem na formação da identidade e logo na constituição de hábitos sociológicos irracionais. Neste sentido, tais narrativas geram a naturalização de conteúdos sociais regressivos, caracterizados por estereótipos, pela repetitividade autoritária, por um consumismo reificado e pela passividade diante das contradições sociais. As reflexões sobre as implicações formativas dos conteúdos da mídia televisiva estão baseadas nas concepções teóricas dos pensadores frankfurtianos Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, especialmente as categorias de indústria cultura e semiformação (Halbbildung). A concepção de narrativa formulada por Walter Benjamin articula o eixo de análise sobre o opobrecimento das narrativas midiáticas.

Palavras-chave:

Contradições sociais, Mídia, Padrões de representação.

TextoFrancCole9

Neste trabalho o objetivo central consiste em apresentar uma reflexão acerca das influências das narrativas, enquanto instrumentos de formação social, na constituição da identidade do sujeito contemporâneo. Para o desenvolvimento das considerações propostas utilizaremos, em especial, as concepções teóricas de Walter Benjamin. Esse autor, que é considerado um dos mais importantes pensadores da vida moderna na primeira metade do século XX, faz parte da corrente teórica frankfurtiana cuja proposta central consiste na formulação de uma teoria crítica acerca da racionalidade da sociedade burguesa, enfatizando a questão da cultura e da ideologia.

A problemática trazida por Benjamin em seus estudos sobre a modernidade refere-se ao enfraquecimento da experiência no mundo capitalista; crítica para a qual apresenta a necessidade de reconstrução da experiência e elaboração de uma nova forma de narratividade. Um dos aspectos essenciais da filosofia de Benjamin é o desenvolvimento de uma espécie de "Teoria da narração", cujo cerne consiste em

uma reflexão crítica sobre os discursos da história e da prática. Nessa perspectiva o discurso se mostra inseparável da prática

Essa reflexão está diretamente ligada ao conceito benjaminiano de experiência (Erfahrung), que diz respeito ao cultivo do saber transmitido de geração em geração (BENJAMIN, 1994. p. 9). Segundo Benjamin, as condições para a realização da experiência se perderam na sociedade capitalista moderna. As rápidas mudanças nas condições de vida promovidas pelo capitalismo/técnica distanciam os grupos humanos porque prejudicam a assimilação de uma experiência compartilhada. Isso tem gerado um distanciamento das gerações, um comprometimento do diálogo e da troca e o isolamento do indivíduo.

No tempo capitalista as atividades bem como a narrativa se tornaram fragmentadas. Para a transmissão da experiência em seu sentido pleno é necessário que o ritmo entre a vida e a palavra se dê de forma comunitária, opondo-se ao ritmo do trabalho industrial (Benjamin, 1994, p. 11).

A grande questão que o autor ressalta está ligada aos estudos desenvolvidos pela corrente da Escola de Frankfurt, que procuram demonstrar como a razão instrumental cooptou a razão enquanto reflexão. Benjamin está apontando para esta problemática ao demonstrar a necessidade de se resgatar as promessas da modernidade que não se efetivaram e propor uma análise de desconstrução do passado para se reelaborar o presente. Essa preocupação vai de encontro com as formulações do companheiro frankfurtiano Theodor Adorno que propõe uma crítica ao Iluminismo (Aufklärung) à medida que esse acabou por não realizar sua proposta humanística.

As ponderações de Adorno (1999), no ensaio Conceito de Esclarecimento, nos revelam que a promessa do iluminismo de esclarecer os homens pela razão na verdade reificou o sujeito no processo técnico. Assim, a razão tornou-se instrumento para a manutenção do aparato econômico e subordinação do homem a uma lógica que não incentiva questionamentos críticos.

Segundo Benjamin, nessa conjuntura que evoluiu o modo de produção capitalista, marcada por um amplo desenvolvimento técnico, as narrativas tornaram-se empobrecidas. Ou seja, temos a configuração de um processo de mercantilização da cultura e de criação de padrões homogeneizantes promovidos pela indústria cultural. Os avanços técnicos ao invés de tornarem as relações mais humanizadas incentivam o consumo por meio da cultura. Portanto, nos referimos

às narrativas que se formam no contexto midiático cuja estruturação perpetua o imediatismo e reduz o interesse por narrativas mais consistentes/formativas.

Para refletir, portanto, sobre a constituição do indivíduo moderno e suas relações, devem ser consideradas as constantes inovações tecnológicas que se operam e cuja influência se delinea nas diversas instâncias. Na atualidade os meios de comunicação, por exemplo, têm ganhado cada vez mais destaque, visto que possibilitam o acesso a informações de toda ordem, como: notícias jornalísticas, entretenimento, informações culturais, entre outras mais. Em vista disso, propomos um questionamento acerca da influência dos meios de comunicação, enquanto formadores ou não de opinião, sobre as pessoas e como essas percebem o mundo pelas representações construídas.

Para aprofundar a discussão proposta utilizaremos as contribuições desenvolvidas em uma pesquisa etnográfica realizada com o intuito de se verificar o impacto das representações televisivas no universo estudantil do ensino médio. Essa pesquisa etnográfica é resultado de um trabalho acadêmico realizado para a disciplina de *Etnologia e Etnografia* do curso de Ciências Sociais, da Universidad Estadual de Maringá, em 2007, com adolescentes entre 14 e 18 anos, alunos do Colégio Estadual Duque de Caxias, da cidade de Maringá, no Paraná.

A pesquisa teve o objetivo central de perceber as possíveis relações entre adolescentes e escola através da mídia televisiva, e, por conseguinte, as percepções que estes jovens têm frente a essas representações. O desenvolvimento da pesquisa iniciou-se a partir dos seguintes questionamentos: *Qual o referencial que os adolescentes têm da escola? Havia alguma contradição entre o modo como os alunos pensavam a escola e como eles agiam na escola? A escola era importante na concepção deles? Os alunos percebiam algum referencial da educação pela mídia?*

Inicialmente, fez-se um levantamento das preferências dos adolescentes quanto aos programas televisivos. O questionário aplicado revelou que as preferências são por novelas, seriados e programas de entretenimento, com destaque para os seguintes: *Malhação, Pé na Jaca (2007)* e *Paraíso Tropical (2007)* – novelas da Rede Globo; seriados de comédia, sendo os mais citados *Eu, a patroa e as crianças, Um maluco no pedaço, As visões da Raven* (todos do SBT); programas de comédia, como *Zorra Total, A Grande Família, A diarista, A Turma do Didi* (Rede Globo) e *A praça é nossa, Escolinha do Golias* (SBT); programas de

entretenimento, destacando-se *Caldeirão do Hulk* e *Domingão do Faustão* (Globo); programas da MTV em geral.

Essa descrição dos programas citados não teve finalidade estatística, mas qualitativa, para se verificar a quais programas os alunos estavam assistindo, em especial, aos que apresentavam situações e assuntos ambientados em espaços similares a escolas. Conjuntamente, foi proposto que os alunos respondessem a questão "Defina o que a escola significa para você". As respostas demonstram que quase 100% dos alunos consideram a escola um local importante por fornecer conhecimentos essenciais para a vida. Houve também os que admitiram que não gostam da escola e que ela é chata, mas nem por isso deixaram de ressaltar seu papel emancipador, pois "sem o estudo não se pode ser alguém na vida."

Assim, nas falas dos alunos a educação aparece como elemento essencial para a transformação da vida. A contradição percebida é que embora alguns valores, como considerar a educação importante para o crescimento pessoal e para a profissionalização, sejam transmitidos e assimilados pelos alunos, esses não se efetivam plenamente nem na prática escolar cotidiana, nem na vida social como um todo. Diante disso, as entrevistas realizadas com alguns alunos, buscaram evidenciar possíveis contradições entre a finalidade da educação e a realidade escolar, e, a influência da mídia como colaboradora, de alguma forma, com a manutenção ou com o conflito desses ideais.

As perguntas-chave da entrevista foram direcionadas para os seguintes questionamentos: se a escola deveria ser como se mostra na TV; se a TV ajudava ou atrapalhava a educação; como eles gostariam que a escola fosse; se as imagens da TV, quanto ao comportamento e à escola, deveriam ser seguidos como referencial.

Os alunos entrevistados reclamaram muito da estrutura do colégio, dos professores e das aulas entediantes e têm, principalmente, quanto à estrutura escolar, a novela *Malhação* como um padrão que poderia ser seguido. Foi possível constatar também que, no geral, o que chama a atenção dos entrevistados para que esses gostem dos programas voltados para jovens é o conteúdo de humor, os assuntos vinculados ao interesse deles e para a distração e diversão.

Quanto à percepção sobre a possibilidade dos programas para jovens retratarem a juventude, distinguem-se dois grupos: os que acham que retratam por causa das roupas, gostos, moda e comportamentos; e os que consideram que

não, pelo contrário, o que se faz é denegrir a imagem do adolescente (principalmente a casos ligados a atitudes de violência como homicídios e furtos).

Os discursos presentes nas respostas demonstram que a mídia televisiva não é percebida como um referencial de comportamento para o adolescente, embora programas como *Malhação*, indiquem certa referência de escola, de beleza, de comportamento. A problemática não é ter como referencial certos aspectos, por exemplo, de estrutura e organização escolar mostrados pela TV, e sim o distanciamento de uma reflexão sobre essas representações da mídia e as contradições em que estão imersos no próprio cotidiano.

A mídia em muito incentiva o consumo por meio de imagens familiares, e esse ponto que os identificou com os personagens e programas não foi ressaltado, pela maioria, como um meio de interferência na formação escolar. Mas as observações em sala de aula revelam essa interferência do consumo através do uso de dois objetos que se tornaram, até certo ponto, comuns entre os adolescentes: o celular e o MP3/MP4. Nas três salas observadas havia pelo menos dois grupinhos, em cada, que ficavam ouvindo música durante a aula. As concepções de liberdade individual se fazem presentes, nessas situações, e conflituam com a noção de grupo.

Conforme as formulações de Adorno (1986) a indústria cultural configura um imaginário social que se auto-identifica com modelos sociais vinculados ao consumo, perpetuando as necessidades como puramente individuais em detrimento das necessidades sociais. A cultura imersa nessas condições de produção imediatista acaba por perder-se de sua característica de experiência, ou seja, de gerar vivências coletivas autênticas.

Assim, conhecer os discursos midiáticos do nosso tempo que subsidiam as práticas sociais se insere na proposta de Benjamin (1994) de que é preciso constituir uma experiência unificadora, em oposição às práticas padronizadas e desagregadoras que perpassam a vida do indivíduo em seus diversos níveis como: no trabalho, na escola, no lazer, na família.

A escola na sociedade de consumo se torna mais um lugar para se perpetuar formas de agir que solidificam hábitos individualistas (e não individuais no sentido de compreensão e cultivo da subjetividade de cada um) e experiências formativas superficiais. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005) denomina de *vida líquida*

esse contexto que acaba por não solidificar as realizações individuais e que coopera com a configuração de uma identidade pautada na vivência do presente.

Nesta conjuntura é preciso estar em constante mudança, porque a constituição da identidade depende de sua inserção e manutenção em uma lógica “moderna”. Daí o consumo aparece como alternativa para integração social e satisfação pessoal. Isso se dá porque o mundo exterior, que fornece as bases para constituir o sujeito, está pautado em um pragmatismo e imediatismo que expressam uma identidade adaptada à racionalidade técnica.

Nas entrevistas realizadas, os entrevistados não percebem uma identificação ou caracterização deles com algum ídolo televisivo, como apresentadores, atores; tipos exóticos como ídolos do rock ou compositores do sucesso no momento, narrativas folhetinescas ou publicitárias, etc. A identificação mais imediata citada por três dos entrevistados era o fato de seus referentes serem divertidos. Porém, quando indagados se percebiam em seus colegas alguma semelhança, na maneira como eles se comportavam, vestiam ou falavam, com o que a TV mostra, ocorreu o contrário: a maioria vê uma grande identificação, inclusive deles, quanto às roupas usadas e ao consumo de diversos produtos incentivados pela programação televisiva.

Sobre a questão dos conteúdos televisivos ajudarem ou atrapalharem a educação a maioria considera que programas como Telecurso 2000 (que exhibe tele-aulas), propagandas de cursinhos pré-vestibular, sobre a prova do ENEM e quadros como o “Soletrando” do programa *Caldeirão do Hulk* incentivam as pessoas a estudarem. Programas que retratam problemas da juventude como gravidez na adolescência, drogas, violência, como algumas temáticas do seriado “Malhação”, segundo os alunos, ensinam como lidar com essas situações, são educativos.

Segundo Theodor Adorno (1986) as idéias veiculadas pela mídia televisiva passam a noção de proximidade com a realidade, para que as pessoas se identifiquem com o que estão vendo, fazendo crer que isso “produz toda sorte de benefícios; por exemplo, pela difusão de informações e conselhos, e de padrões aliviadores de tensão” (ADORNO, 1986, p.96). No entanto, a assimilação desses conteúdos apenas enriquece uma formação cultural superficial e esvaziada à medida que não resolve os conflitos e contradições na vida real.

Os discursos predominantes em muitos desses programas televisivos reproduzem uma noção de identidade que “cobra” do indivíduo uma constituição

“singular”, “diferente”, “único”. Com isso, conforme Bauman (2005, p.26), a imposição de ser diferente gera na verdade semelhantes por “terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns”, a individualidade torna-se um “imperativo universal”. O que se tem é a reprodução de referenciais pautados, principalmente, na posse e no consumo de determinada mercadoria com a sensação de integração social.

Assim, a individualidade carrega uma contradição insolúvel: que é precisar da sociedade para se realizar e essa, por sua vez, oferece os meios para alcançar a individualidade embora essa não se realize. O consumismo é a fonte que a sociedade cultiva para fornecer os meios de construir, preservar e renovar a individualidade. A luta pela singularidade se torna motor para a produção e consumo em massa. A economia de consumo, por sua vez, é veloz e rotativa, logo, as coisas se tornam “ultrapassadas” rapidamente e ser indivíduo termina por se caracterizar pelo poder de consumir/ter dinheiro (BAUMAN, 2005, p.36-37).

Segundo Adorno (1996) no ensaio *Teoria da Semicultura*, a sociedade moderna dissemina uma semicultura pela qual a apropriação contínua de bens materiais é reconhecida como formação cultural e como primordial para elevação do nível de vida. Essa semiformação se difunde porque seus conteúdos objetivos carregam um conteúdo de verdade que se relaciona com o sujeito e com sua definição. Disseminam-se padrões de representação, ou seja, estereótipos que incitam o imaginário social a um tipo de formação e percepção limitada ao imediato por gerar dimensões regressivas na sociedade. Pode-se vislumbrar esse processo identificatório, por exemplo, em programas de auditórios que “tratam” sobre os dilemas da juventude, mesclando as discussões e reflexões com propagandas de produtos a serem adquiridos como roupas, refrigerantes, carros, celulares que traduzem o jeito de ser jovem, segura, bonita, sensual, magra, dinâmica, atraente, etc.

Porém, essa semicultura não oferece uma formação que questione e/ou explique as desigualdades sociais, as quais também têm ligação com a distribuição injusta dos bens que a sociedade produz. Desse modo, a semiformação dilui-se no antagonismo social, prejudicando a percepção sensorial da irracionalidade do próprio sistema que o sujeito vivencia.

A formação se vinculou à assimilação de normas e qualificações imediatistas ou pragmáticas. Os conteúdos dos bens culturais colocam-se como atemporais e não como construções dinâmicas históricas e sociais. Uma reflexão sobre as

narrativas contemporâneas e suas implicações formativas pode ajudar a compreender os dilemas da modernidade como, por exemplo, a perda da capacidade de constituir experiências autênticas sobre as vivências no mundo social.

Quando constatamos pela pesquisa etnográfica que a mídia televisiva ocupa no imaginário estudantil um papel educativo é necessária uma reflexão crítica sobre essa formação que tem se enraizado na sociedade. Deve-se observar, portanto, que os conteúdos midiáticos difundem uma cultura de viés mercadológico, afastando-se da concepção de narrativa nos termos benjaminianos. Esta perspectiva aponta o papel da experiência como fundamental para que o conhecimento seja apreendido como elemento formativo, de consistência e com poder de agregação da vida comunitária.

Narrar para Benjamin (1994, p.200) consiste na arte de intercambiar experiências, prática que está em vias de extinção na modernidade. A constante busca pelo novo (que rapidamente se torna obsoleto) deteriora as experiências e o que tem se constituído são experiências empobrecidas, as quais estão deixando de ser comunicáveis. “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” (BENJAMIN, 1994 p. 200-201).

Esse processo de deterioração das narrativas não pode ser considerado como mera característica da modernidade. Tal como as forças produtivas evoluem e modificam a dinâmica não só do mundo do trabalho, conceitos como os de história, memória, identidade também sofrem transformações históricas. As mediações tecnológicas nos processos formativos, como os referenciais apreendidos da mídia televisiva, têm atuado em detrimento do cultivo da memória e do saber.

O advento da tecnologia da informação, por exemplo, permite que tenhamos acesso a notícias do mundo todo: as últimas tendências da moda, os conflitos entre palestinos e israelenses, a vitória do primeiro negro à presidência dos EUA, o aumento do desemprego e dos índices de criminalidade, as belezas dos desfiles de carnaval, as novas fórmulas de emagrecimento, etc. No entanto, não conseguimos inverter os péssimos índices de desempenho educacional, combater a corrupção política e o desmatamento ilegal, (embora estejam estampadas inúmeras informações em diversos veículos da mídia).

Apesar de termos muitas informações (que já veem acompanhadas das devidas explicações), a relação que estabelecemos com elas não promove uma experiência formativa. O que ocorre é um empobrecimento das experiências, as quais já vêm delimitadas dentro de um tempo restrito para vivenciá-las, ou seja, exigem-se respostas imediatas, que geram uma percepção automática e a incorporação de impressões superficiais.

Os depoimentos dos entrevistados na pesquisa etnográfica mencionada anteriormente, em sua maioria, demonstram que, se a percepção dos envolvidos não revela o contexto social que determina o modo de ser dessa escola, o desconforto com seus procedimentos denuncia que ela legitima o modo de organização social que a determina:

A escola deveria ser diferente. Não ser sempre a mesma coisa. As provas, os modos de avaliar a gente, por exemplo, é sempre do mesmo jeito. Os alunos tinham que aprender que a escola é uma grande estrutura e que todos fazemos parte. Muitos nem sabem que tem, nem o que é a APM, o grêmio estudantil, por exemplo. Tirando a nossa casa, aqui é o segundo lar. Passar cinco horas num lugar que você não gosta é difícil. Os alunos ficam fazendo gracinhas para fazer os outros acharem graça, isso tinha que mudar. O meio de ensino deveria ser diferente, trazer coisas que também fazem parte do dia-a-dia da gente. Trabalhar com música, deixar livros e cadernos, um pouco de lado. Mudar os meios de se ensinar. (Lucas, 2º ensino médio, 15 anos, 2007).

Acho que deveria ser um lugar que não parecesse um presídio. Que você fosse tratado pelo nome e não, por um número. Que os professores se reciclassem a cada bimestre, não só por obrigação, mas aprendendo coisas que fossem mesmo usar na aula. Que evoluísse com a humanidade na questão da tecnologia. Que ensinasse coisas que você fosse usar na vida e não coisas que só tem no livro. (Pedro, 2º ensino médio, 16 anos, 2007).

Os depoimentos acima denunciam que, imersa nessa conjuntura tecnológica, a escola deve buscar alternativas que subsidiem o entendimento dos conteúdos formativos que têm sido assimilados, bem como dos novos modos de relação com o tempo e o espaço à nossa volta. Os novos arranjos sociais trazem à educação atual uma nova exigência, que a nosso ver segue a proposta de Adorno (1996) de que se

faz urgente recuperar a cultura buscando suas origens histórico-culturais e proceder a uma contínua reflexão sobre a formação cultural como algo dialético e não fixo. Ou seja, necessidade de uma auto-reflexão crítica sobre a diversidade narrativa existente como possibilidades de formação e fortalecimento da subjetividade humana, congregando assim experiência e conceito na prática educativa.

Referências:

ADORNO, Theodor W. Conceito de esclarecimento. In: _____ **Adorno: Textos Escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 17-62. (Coleção Os Pensadores).

ADORNO, Theodor W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial?. In: COHN, Gabriel (org). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986. p. 62-75.

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (org). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986. p. 92-99.

ADORNO, Theodor. Teoria da semicultura. Trad. Newton Ramos de Oliveira et al.

In: **Educação & Sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação**, ano XVIII, n. 56, Campinas: Papyrus, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: _____ **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas).

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____ **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Coleção estudos: 142).